

# **Antonio Selistre de Campos e as questões indígenas no Oeste de Santa Catarina\***

*Ninarosa Mozzato da Silva Manfroi\*\**

## **Resumo**

Este artigo foi apresentado na modalidade Oficina, na semana do CEOM: *Vinte anos de Memórias e Histórias no Oeste de Santa Catarina*, de 23 a 27 de outubro de 2006, em Chapecó - SC. O tema eleito para este evento foi parte da Pesquisa de Mestrado em História: *A representatividade dos artigos jornalísticos de Antonio Selistre de Campos na história dos Kaingáng do Oeste Catarinense 1939-1952*, com a proposta de trabalhar a fonte escrita, a história oral, a memória sob a perspectiva da etno-história. O objetivo em aplicar a oficina foi envolver os participantes no entendimento prático da conciliação entre a fonte escrita, a História Oral e a Memória.

**Palavras-chave:** Kaingáng; Antonio Selistre de Campos; CEOM; jornais; história oral; memória; etno-história.

## **Introdução**

O projeto de pesquisa proposto foi aprovado na seleção de Mestrado em História Cultural do Programa de Pós-graduação em História da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, em 2005, período letivo 2006/2007, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Vulfe Nötzold.

A pesquisa começou a ser idealizada em novembro de 2002, quando em saída a campo ao CEOM – Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina com o objetivo do levantamento de fontes históricas relacionadas à etnia Kaingáng do Oeste Catarinense, com o apoio e financiamento da Pró-reitoria de Cultura e Extensão – PRCE/UFSC.

Com o manuseio das fontes, a atenção foi voltada para a personalidade de Antonio Selistre de Campos, em vista da maneira clara e firme em manifestar sua posição em relação à questão indígena nas décadas de 1940/50, em artigos publicados no Jornal *A Voz de Chapecó*.

Outros estudos já foram realizados sobre Antonio Selistre de Campos, porém, o que se propõe com esta pesquisa é a participação social do indígena com o relato de suas memórias na aplicabilidade da história oral. Sendo assim, os relatos orais assumem dupla função: além da produção de fontes, reforçam a auto-estima indígena ao reconhecerem-se como sujeitos de sua própria história.

Concomitante aos relatos orais indígenas, os artigos jornalísticos de Antonio Selistre de Campos, publicados, principalmente, mas não exclusivamente, no jornal *A Voz de Chapecó*, elucidam fatos e passagens que ficaram registrados na memória do povo Kaingáng. Sendo assim, relatos orais fazem parte da análise e cotejo junto aos diversos artigos escritos por Antonio Selistre de Campos que foram publicados não só no jornal *A Voz de Chapecó*, mas também no *Jornal do Povo* de Itajaí e *O Estado* de Florianópolis. Estes artigos do período de 1939 a 1956 foram relevantes para a época e ainda o são no momento presente, por conterem textual

repercussões sociais, fatos históricos da trajetória, da vida, dos costumes, das vitórias, das derrotas, dos anseios, da memória do povo Kaingáng.

## **O CEOM de Minhas Memórias**

Em 2002, as possibilidades oferecidas pelo CEOM, no campo da pesquisa tornaram-se realidade. Na época, estava-se fazendo o levantamento de fontes sobre os Kaingáng do Oeste Catarinense, na condição de bolsista do Projeto de Extensão *Kaingáng: na conquista da cidadania* desenvolvido pelo LABHIN<sup>1</sup> em parceria com a Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkrê, da Terra Indígena Xaçecó - SC.

O CEOM ainda mantinha suas atividades no centro da cidade de Chapecó. A pesquisa era desenvolvida numa única mesa retangular e grande, onde os pesquisadores ficavam sentados à sua volta, dividindo o espaço disponível e os materiais disponibilizados para a pesquisa. Nesta época o CEOM estava selecionando material para a Série Documento nº. 4, que foi publicada em 2004 com o título *A Voz de Chapecó. Artigos de Antonio Selistre de Campos – 1939 a 1952*, sob organização da pesquisadora Mara Paulina Wolff de Arruda<sup>2</sup>.

Desde 2004, o CEOM localiza-se no segundo andar do Terminal Rodoviário Municipal de Chapecó. Um espaço amplo e adequado para as condições de pesquisa, disponibilizando, além das fontes escritas e orais, fontes digitalizadas, biblioteca setorial, sala de pesquisa. O acolhimento e a presteza de seus colaboradores aos interessados em desenvolver pesquisas e estudos sobre o Oeste de Santa Catarina é outro fator que possibilita um amplo levantamento e manuseio das fontes sob sua guarda.

O CEOM modernizou-se para acompanhar a necessidade e agilidade das pesquisas dando continuidade a sua própria história, fazendo parte da história da comunidade local, regional<sup>3</sup> e marcando a história dos pesquisadores que por ele passam.

## **Antonio Selistre de Campos<sup>4</sup>**

Antonio Selistre de Campos, Juiz de Direito na Comarca de Chapecó, no período de 1931 a 1947 <sup>5</sup>, foi um cidadão atuante e participativo da sociedade local. Ao longo de sua estada em Chapecó, aplicou sua intelectualidade e saber jurídico em prol da comunidade chapecoense. Espírito empreendedor, foi um dos fundadores do *Jornal A Voz de Chapecó*, *Hospital e Maternidade Santo Antônio*, *Clube Esportivo e Recreativo Chapecoense*, *Força e Luz Chapecoense*, *Frigorífico Chapecoense*, *Rádio Chapecó*, bem como o precursor em fundar a primeira escola para os indígenas da região em 1939. Pode ser considerado um dos maiores defensores do povo Kaingáng do Oeste catarinense.

Além de atuar na comarca chapecoense, atuou nos municípios catarinenses de São Francisco do Sul, Canoinhas, Campos Novos, Joaçaba, (anteriormente chamada de Cruzeiro do Sul) e Curitiba. Concluiu o curso de Direito em Porto Alegre/RS, em 1909, custeando seus estudos com a atividade de revisor e repórter policial no *Jornal do Comércio* na capital do Rio Grande do Sul.

A partir de 1939, com a fundação do jornal *A Voz de Chapecó*, Dr. Antonio Selistre de Campos trouxe à comunidade local a situação dos indígenas da região, estampados nos artigos que redigia. Pode-se perceber nestes artigos jornalísticos a intenção de esclarecer e sensibilizar os leitores, procurando diminuir o estranhamento entre culturas diferentes através do conhecimento. Estes estranhamentos intensificaram-se a partir dos primeiros contatos dos Kaingáng com os colonizadores da região e a ocupação de terras a partir do século XIX, ocasionando atos de defesa, tanto dos não-indígenas quanto dos indígenas. As conseqüências dos atos de defesa foram mortes, conflitos, violência, preconceito, discriminação de ambos os lados, causados por atitudes que visavam à defesa perante aquilo que não se conhecia.

As repercussões de seus artigos ecoaram no estado gaúcho por várias vezes, em especial, nas cidades de Passo Fundo, no Jornal

*Diário da Manhã*, edição de 14 de novembro de 1948, e Erechim, no Jornal *A Voz da Serra*, na mesma data<sup>6</sup>, ao criticar a atuação do SPI – Serviço de Proteção aos Índios, questionando se não seria SPI – *Serviço de Perseguição aos Índios*<sup>7</sup>.

Nascido em Santo Antônio da Patrulha - RS, em abril de 1882, faleceu na cidade de Chapecó - SC, em dezembro de 1957, de bronco-pneumonia, ocasião em que os Kaingáng, como última homenagem àquele que foi defensor incondicional da causa indígena, transportaram o seu caixão acompanhando a pé o cortejo fúnebre até o cemitério ecumênico<sup>8</sup>.

## **Os Kaingáng**

Um dos primeiros registros sobre a denominação dos Kaingáng está datado de 1882 e foi registrado por Telêmaco Borba em um artigo intitulado *Breve notícia sobre os índios Caingangs, conhecidos vulgarmente por Coroados e que habitam no território da Província do Paraná*. Posteriormente, em 1904, Borba publica, na Revista do Museu Paulista, o artigo *Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná*, já usando a grafia com *K* e não mais com *C*<sup>9</sup>:

O primeiro que deu-lhes o verdadeiro e genérico nome de Kaingangues penso que fui eu.

Os que aldearam no Jatahy chamam-se “Kaingangues-pê”, isto é, Kaingangues legítimos, verdadeiros; mas, entre elles distinguem-se em Camés, Cayurucrês e Kaingangues. Os que habitam nas imediações de Guarapuava e Palmas chamam-se Camés. Os da zona compreendida entre os rios Piquiri e Iguassu Xocrês, e os da margem direita do Paranapanema “Nhakfáteitei”. Entretanto, falam todos a mesma língua, usam as mesmas armas e utensílios e têm os mesmos costumes<sup>10</sup>.

No século XVII, eram conhecidos por Gualachos, Chiquis. No final do Século XIX, por Guaianás e Coroados<sup>11</sup>. Esta era uma denominação atribuída por agentes do Estado, por religiosos e pela

população que os envolvia, pois cortavam os cabelos ao modo dos coroinhas franciscanos. O significado do etnônimo Kaingáng, atribuição nominal da própria etnia, que no idioma português significa Índio, conforme anotações do Frei Luiz de Cimitile<sup>12</sup>, citado por Mota, "... a si mesmos chamassem *Caingang*, que em língua portuguesa quer dizer Índio...".

Os Kaingáng fazem parte do grupo lingüístico Jê<sup>13</sup>. Esta classificação foi sendo construída a partir do século XX por Von Martius que destacou do bloco das línguas Tapuya a família Jê<sup>14</sup>.

O território geográfico ocupado pelos Kaingáng abrange os Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estatisticamente, estão entre os maiores grupos indígenas no Brasil, contando aproximadamente 20 mil pessoas distribuídas em 28 Terras Indígenas nos Estados brasileiros citados acima<sup>15</sup>.

No acompanhamento e compreensão da trajetória histórica desta etnia, este estudo elegeu os Kaingáng da Terra Indígena Xapecó - SC. A Terra Indígena Xapecó tem essa denominação por localizar-se no cruzamento dos rios Chapecó e Xapecozinho, no Oeste catarinense, situando-se entre os municípios de Ipuaçu e Entre Rios, como se pode observar no mapa abaixo:



**Figura 1.** Mapa de Santa Catarina e localização da Terra Indígena Xapecó – SC<sup>16</sup>.

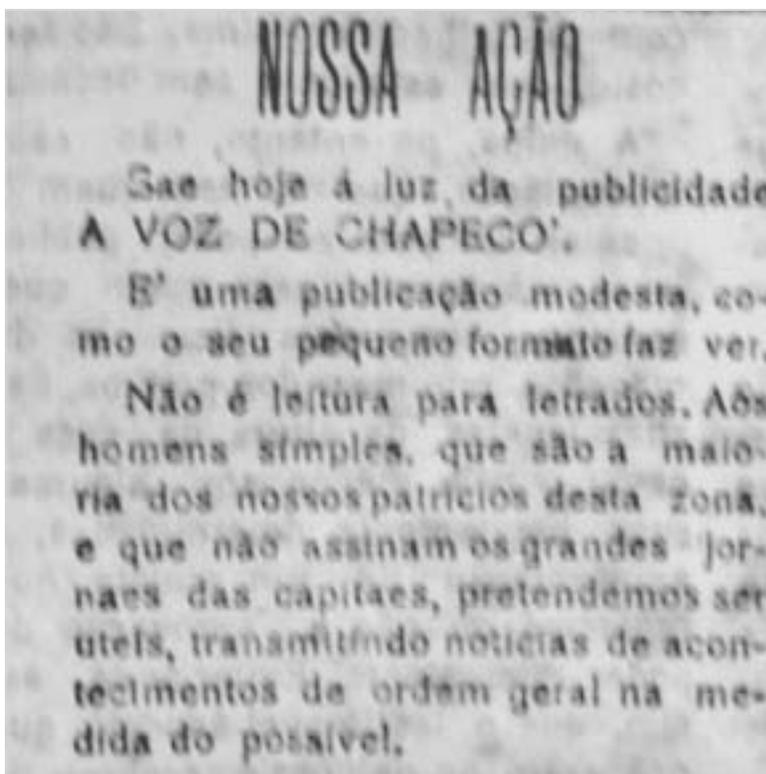
O decreto n. 7, de 18 de Junho de 1902, que deu origem à T. I. Xapecó – SC, foi assinado pelo então presidente do Estado do Paraná, Francisco Xavier da Silva, pois nesta época a região pertencia ao Paraná<sup>17</sup>. Esta área, originalmente delimitada em aproximadamente 25 mil hectares, encontra-se atualmente reduzida em 15.623 hectares com aproximadamente 4.500 indivíduos<sup>18</sup>. A T. I. Xapecó é sede de 16 aldeias: Jacu – Sede do Posto, Olaria, Serrano, Cerro Doce, Pinhalzinho, Água Branca, Fazenda São José, Matão, Paiol de Barro, Barro Preto, Limeira, Guarani, Baixo Samburá, Pinheirinhos, Placa, João Veloso<sup>19</sup>.

### **O Jornal *A Voz de Chapecó***

Dentre o acervo do CEOM, encontram-se os documentos de época que inspiraram e norteiam esta pesquisa, os artigos jornalísticos de Antonio Selistre de Campos, que se destacaram pela

deferência que o jurista dedicava aos indígenas da região do Oeste catarinense, publicados no Jornal *A Voz de Chapecó*.

No jornal *A Voz de Chapecó*, que iniciou suas atividades como Semanário Independente em 1939, Antonio Selistre de Campos trazia à população local a situação do *Nosso vizinho Kaingáng*<sup>20</sup>, abordando temas como preconceito, crimes, educação, saúde e terras. Mas também dedicou espaço no jornal para outros temas tratando sobre política internacional, política nacional, assuntos da magistratura com o objetivo primeiro do jornal que era informar o cidadão chapecoense, como se pode observar no primeiro exemplar do jornal editado em 03 de maio de 1939, ano I, primeira página<sup>21</sup>:



**Figura 2.** Recorte da primeira edição do Jornal *A Voz de Chapecó*, de 03 de maio de 1939. Acervo CEOM.

O Jornal *A Voz de Chapecó* contou com um quarteto que se uniu para fundá-lo. Além de Antonio Selistre de Campos, Ernesto Francisco Bertaso – proprietário da Colonizadora Bertaso que colonizou parte do Oeste catarinense; Cid Loures Ribas – advogado e Deputado Estadual pelo Partido Social Democrata na década de 40 e Vicente Cunha, advogado e Prefeito de Chapecó eleito em 1947<sup>22</sup>.

No manuseio das fontes, percebe-se que os artigos escritos por Antonio Selistre de Campos em defesa dos Kaingáng repercutiram na região, somaram aliados e foi assunto de destaque na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina em 04/11/1948, sessão publicada no Jornal *O Estado* de Florianópolis, edição nº. 10.384 em 05/11 do mesmo ano, na primeira página do jornal, onde se pode observar no título da reportagem <sup>23</sup>:



**Figura 3.** Recorte do Jornal *O Estado* de 05 de novembro de 1948, primeira página. Acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Na ocasião, o deputado Cid Ribas apresentava o problema abordado nos artigos de Antonio Selistre de Campos, sobre a questão das terras dos Kaingáng, e o Sr. Alberto Berthier de Almeida, madeireiro de Passo Fundo – RS, que reivindicava posse das aludidas terras ocupadas pelos indígenas. A repercussão do assunto persiste no ano seguinte, na sessão da Assembléia do dia 24/05/1949, publicado no jornal *A Voz de Chapecó* nº. 241, de 26 de junho de 1949. Desta vez, as conseqüências em relação à questão territorial anteriormente tratada, são abordadas. O Deputado Ribas leva ao

conhecimento de seus pares as ameaças e violências que os indígenas estavam passando por parte do encarregado do SPI – Serviço de Proteção aos Índios, solicitando ainda apoio à providência de enviar telegrama ao General Candido Mariano da Silva Rondon – Presidente do SPI, o que de fato conseguiu com apoio dos partidos políticos presentes. Porém, o apoio não vinha de todos os partidos e correligionários. O Deputado Waldemar Rupp apresentava postura contrária à causa indígena, mostrando-se um não aliado. Recorre-se à fonte para melhor apresentação da questão que segue abaixo, na evidência dos discursos díspares entre os Deputados Rupp e Ribas e apoio da bancada trabalhista à causa indígena apresentada, publicado no Jornal *A Voz de Chapecó*, em 03 de julho de 1949, Edição Especial nº. 242, Comemorativa ao 4º aniversário do reaparecimento de *A Voz de Chapecó*<sup>24</sup>:



**Figura 4.** Jornal *A Voz de Chapecó*, edição de 03 de julho de 1949. Acervo CEOM.

## O Processo da Pesquisa

A metodologia aplicada para a realização desta pesquisa é da etno-história em conjunto com a história oral, abrangendo o campo de pesquisa da memória que, através de entrevistas com os mais velhos da comunidade, registram-se suas lembranças, o que permite a observação e a comparação no tempo presente com documentos de época, aqui especificamente, os artigos jornalísticos de Antonio Selistre de Campos. Esta interdisciplinaridade na pesquisa permite a comparação e a complementaridade necessária para seu aprofundamento, a fim de registrar parte da história de vida do povo Kaingáng.

A etno-história, ancorada na história oral, na lingüística, na mitologia, na arqueologia e nos relatos de viajantes ou autoridades, é o que diferencia o estudo das etnias indígenas de outras etnias, sendo Antonio Selistre de Campos uma destas autoridades que fizeram diferença na trajetória histórica dos Kaingáng.

Antônio Porro<sup>25</sup> discorre sobre uma disciplina recente que vem a somar no estudo e na compreensão da transformação das culturas<sup>26</sup> no tempo:

... a etno-história, está se constituindo; é a história dos grupos indígenas escrita a partir das notícias deixadas pelos primeiros cronistas e, para as tribos contactadas mais recentemente, também a partir das tradições orais indígenas. Mas é principalmente a história vista de uma perspectiva antropológica, que procura reconstruir o mundo indígena em toda a sua diversidade, através da arqueologia e da observação etnográfica, da história documental e da história oral, da lingüística e da mitologia.

Várias fontes já foram levantadas e registradas sobre o período eleito para a pesquisa que abrange os anos de 1939, com a fundação do jornal *A Voz de Chapecó*, até 1957, ano do falecimento de Antonio Selistre de Campos. Para tanto, alguns procedimentos foram

tomados com antecedência, com o objetivo de viabilizar a realização da pesquisa como, por exemplo, o mapeamento dos locais onde se encontram as fontes. Sendo assim, o CEOM é importante parceiro de pesquisa e bússola em função do acervo que detém e oferece aos pesquisadores. A partir deste acervo, foi possível localizar outras fontes, outros locais de pesquisa, outros possíveis colaboradores<sup>27</sup> que contemplaram e contemplam o tema em suas especificidades.

Com o manuseio das fontes, percebe-se que a metodologia da história oral proporciona um *movimento renovador da visão da história baseado na presentificação dos acontecimentos do passado*<sup>28</sup>, que tem seu início na valorização do tema de pesquisa, trazendo novas concepções e abordagens, além da inserção social dos colaboradores e o registro de novas fontes, principalmente em se tratando de cultura diferenciada, neste caso específico, a indígena. Os depoimentos dos colaboradores indígenas após a transcrição passam a ser a extensão de suas memórias e, a partir daí, a origem do documento, proporcionando o registro da história deste povo. Com as saídas a campo, procedimento riquíssimo no desenvolvimento da pesquisa por ampliar o entendimento pelo convívio, embora temporário, do modo de vida de um povo, inicia-se o vínculo com o colaborador no registro da história oral. Este vínculo proporciona a confiabilidade mútua no registro das memórias e parte de suas histórias.

As memórias relatadas trazem momentos alegres, tristes, locais em que fatos foram vivenciados. No próprio local onde o colaborador fornece os relatos, existem objetos evocadores de suas lembranças, e o pesquisador passa a ser cúmplice, portador e escriba de parte de suas memórias.

## **A Oficina de História Oral**

Na primeira parte da oficina, apresentou-se o projeto de pesquisa, utilizando-se como principal fonte o Jornal *A Voz de Chapecó* e os recortes de notícias apresentados neste artigo. Na segunda parte,

foi aplicada a *Oficina de História Oral*<sup>29</sup> com o objetivo de refletir sobre as metodologias e aplicabilidades das fontes em conjunto com a História Oral e a Memória.

A partir do recorte do Jornal *A Voz de Chapecó*, foi proposta a discussão e apresentação do tema exposto, analisando-se o seu resultado, observando as tendências, influências, emocionalidades, preferências que fazem parte da pluralidade da história oral e das memórias, levando a refletir sobre seus pressupostos teóricos e as dificuldades empíricas dessas metodologias.

A dinâmica da oficina contou com quatro momentos, a saber:

1º momento: Solicitar a participação de três voluntários para desempenhar os papéis de testemunha ocular e entrevistadores.

2º momento: A testemunha ocular vai se inteirar dos fatos da reportagem, a fim de narrá-los para todo o grupo. Neste momento, os entrevistadores estão fora da sala lendo um texto redigido com base numa reportagem apresentada pela testemunha ocular e elaboram três perguntas a serem aplicadas aos voluntários que serão entrevistados.

3º momento: Os entrevistadores retornam à sala, um de cada vez, para escolher um dos participantes da oficina como voluntário para ser entrevistado. A testemunha ocular será obrigatoriamente o segundo entrevistado.

4º momento: A discussão em grupo da dinâmica apresentada observando-se as tendências nas respostas dos entrevistados e a tendência nas perguntas dos entrevistadores e o quanto se afastaram ou se aproximaram dos fatos narrados. Por fim, apresenta-se a reportagem na íntegra para todo o grupo.

Percebeu-se que os entrevistadores não se detiveram apenas às três perguntas como proposto, devido à curiosidade em saber mais sobre o fato ocorrido para esclarecê-lo. Quanto aos entrevistados, percebeu-se certa limitação nas respostas. Por terem ficado sabendo do fato pela testemunha ocular, eles queriam mais informações e perceberam isto no momento de serem entrevistados.

Buscou-se, com a oficina, compreender a importância da história oral como metodologia interdisciplinar no manuseio das fontes, instigando o pesquisador a observar as tendências de determinada entrevista, enriquecendo a pesquisa e confirmando que a História tem diferentes versões para o mesmo fato, e as fontes oferecem respostas diferentes frente as abordagens e metodologias que lhe são aplicadas.

### **Considerações parciais**

Os recortes de jornais utilizados para este artigo contribuíram para a compreensão da atuação do Dr. Antonio Selistre de Campos em prol da causa indígena. Tais recortes apresentados não foram escritos pelo jurista, mas a partir do seu depoimento escrito, da sua opinião veiculada no Jornal *A Voz de Chapecó*. Percebeu-se a repercussão de sua investida, procurando melhorar as condições de vida do povo Kaingáng. Estas repercussões ultrapassaram os limites fronteiriços entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo publicadas nos jornais de outras cidades, em sessões da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, mas acima de tudo, na memória dos Kaingáng<sup>30</sup>. Trata-se de material ainda inédito relativo a entrevistas realizadas por esta pesquisadora, com colaboradores indígenas da T. I. Xaçecó, em relação às recordações ainda presentes na memória sobre a atuação do Dr. Antonio Selistre de Campos.

Os resultados apreendidos na oficina colaboraram para a importância da história oral e as imbricações das memórias dos entrevistados ao relatar os fatos dos quais um foi testemunha ocular, ou então, testemunhas ouvintes conhecedoras do fato a partir da narrativa de terceiros. Tal experiência corrobora sobre os meandros da memória no sentido do que silenciamos, guardamos, revelamos a respeito dos fatos vivenciados. Para os pesquisadores/entrevistadores, fica a comprovação da presentificação do passado no momento presente vivenciado com base nas entrevistas realizadas

com seus colaboradores, valendo-se de um jornal datado de 1949. Fica o agradecimento a todos os participantes na Oficina *Antonio Selistre de Campos e as questões indígenas no Oeste de Santa Catarina* pelas suas contribuições e, ao CEOM, pela oportunidade de compartilhar a pesquisa.

## Notas

<sup>1</sup>Artigo apresentado por esta autora na modalidade oficina em comemoração aos 20 anos do CEOM.

<sup>2</sup>Mestranda em História Cultural sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lucia Vulfe Nötzold pelo PPGH-UFSC, bolsista CAPES, pesquisadora do LABHIN – Laboratório de História Indígena - UFSC.

<sup>3</sup>O LABHIN – Laboratório de História Indígena foi fundado em 1999 pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Vulfe Nötzold junto ao Departamento de História da UFSC. Tem dentre seus objetivos, proporcionar visibilidade à causa indígena através dos projetos que desenvolve, levando seus integrantes à experiência, conhecimento, convívio e respeito à cultura indígena através das saídas a campo e em atividades acadêmicas e de produção do conhecimento histórico. Web site LABHIN: [www.cfh.ufsc.br/~labhin/](http://www.cfh.ufsc.br/~labhin/)

<sup>4</sup>Graduada em Educação Artística, especialista em História pelo Curso de Pós-Graduação “Lato Sensu” – História: Cidade, Cultura e Poder, pela UNOCHAPECÓ – Universidade Comunitária Regional de Chapecó em 2002, Professora da Rede Estadual de Ensino – Chapecó – SC.

<sup>5</sup>Telmo Marcon levanta algumas reflexões em relação à história local/regional questionando *em que medida ela é local se os resultados contribuem para o debate global?*. Apresentação. In: *CEOM: 20 anos de memórias e histórias no Oeste de Santa Catarina*. Cadernos do CEOM – Chapecó: Argos, 2006, nº. 23.

<sup>6</sup>CAMPOS, Raul José de. *Dados Biográficos do Dr. Antônio Selistre de Campos*. Porto Alegre, novembro de 1977. Acervo CEOM.

<sup>7</sup>Documento que coloca o cargo de Juiz de Direito em disponibilidade, datado de 20/06/1947. Acervo CEOM.

<sup>8</sup>Jornal *A Voz de Chapecó*. Edição nº. 211, de 28/11/1948. Acervo CEOM.

<sup>9</sup>Jornal *A Voz de Chapecó*. Edição nº. 206 e 207, de 24/10/1948 e 31/10/1948 respectivamente. Acervo CEOM.

<sup>10</sup>ARRUDA, Mara Paulina Wolff. *Antonio Selistre de Campos. “O Guardador da Cidade”*. Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em História: Cidade, Cultura e Poder na Universidade Comunitária Regional de Chapecó, UNOCHAPECÓ, como requisito para obtenção do diploma de especialista em História, 2002, p. 63.

<sup>11</sup>TOMASINO, Kimiye, MOTA, Lúcio Tadeu e NOELLI, Francisco Silva (Orgs). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingáng*. Londrina: Eduel, 2004, p. 5.

<sup>12</sup>Cf. Telêmaco BORBA. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. *Revista do Museu Paulista*, v 6, São Paulo, 1904, p. 54. Apud. TOMASINO, Kimiye, MOTA, Lúcio Tadeu e NOELLI, Francisco Silva (Orgs). *Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingáng*. Londrina: Eduel, 2004, p. 4.

<sup>13</sup>Op. cit. TOMASINO, Kimiye, MOTA, Lúcio Tadeu e NOELLI, Francisco Silva (Orgs), *Novas contribuições...*, p. 3.

<sup>14</sup>Cemitile, Frei Luiz de. Memória sobre os costumes e religião dos índios Camés ou Coroados que habitam na Província: In: Catálogo dos objectos do Museu Paranaense remetidos á Exposição Anthropologica do Rio de Janeiro. Curitiba, 1882. Apud., MOTA, Lúcio Tadeu, In: TOMASINO, Kimiye, MOTA, Lúcio Tadeu e NOELLI, Francisco Silva (Orgs), *Novas contribuições...*, op. cit., p.6.

- <sup>13</sup> NASCIMENTO, E.S. do. *Há vida na história dos outros*. Chapecó: Argos, 2001, p. 42.
- <sup>14</sup> *Ibid.*, p. 43
- <sup>15</sup> NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. *Nosso vizinho Kaingáng*. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003, p. 16.
- <sup>16</sup> Mapa de domínio público adaptado por Marcos Antônio da Silva, Mestre em História Cultural, UFSC-SC.
- <sup>17</sup> NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. A Trajetória da implantação do ensino diferenciado: o caso Kaingáng do Xapcozinho. *VII Encontro Estadual de História - ANPUH*. História: experiências e desafios. Florianópolis, 28 a 31 de agosto de 2000. Não publicado.
- <sup>18</sup> NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe (Org.). *O ciclo de vida Kaingáng*. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2004, p. 5.
- <sup>19</sup> NÖTZOLD, op. cit. *Nosso vizinho...*p. 18, atualização das aldeias complementadas com informações do Professor Getúlio quando em pesquisa de campo à T. I. Xapco em 2006.
- <sup>20</sup> *Nosso vizinho Kaingáng* é um livro editado pela Gráfica da UFSC, com apoio da PRCE, de autoria da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia Vulfe Nötzold. A obra é resultado das pesquisas a campo desenvolvidas pelo LABHIN junto à Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vankhrê da T. I. Xapco - SC. Dividido em três capítulos, traz em sua narrativa parte da trajetória histórica do povo Kaingáng abordando a implantação do ensino diferenciado, as primeiras populações humanas em Santa Catarina, os primeiros contatos.
- <sup>21</sup> Acervo CEOM.
- <sup>22</sup> ARRUDA, Mara Paulina Wolff. Apresentação. Antonio Selistre de Campos. O guardador da cidade. In: *A Voz de Chapecó: artigos de Antonio Selistre de Campos – 1939 a 1952*. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Org.). Chapecó: Argos, 2004, p. 22.
- <sup>23</sup> Acervo Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina – Florianópolis – SC.
- <sup>24</sup> Acervo CEOM.
- <sup>25</sup> PORRO, Antonio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. RJ: Vozes, 1995, p. 17.
- <sup>26</sup> Entende-se a cultura como um processo dinâmico ao longo do decurso do tempo, recebendo a influência de outras culturas. Sugere-se a leitura de KUPER, Adam. *Cultura: a visão dos antropólogos*. Tradução Mirtes Frande de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- <sup>27</sup> Os colaboradores são os entrevistados, agentes e participantes de sua própria história que ao ser capturada, na aplicabilidade da metodologia da história oral, torna-se um documento escrito, fortalecedor da identidade e memória individual e do grupo a que pertencem.
- <sup>28</sup> MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5ª ed. Ver. E ampl. São Paulo: Loyola, 2005, p. 262.
- <sup>29</sup> De autoria de Marcos Antônio da Silva - Mestre em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História - PPGH da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, aplicada e adaptada por esta autora.

## Fontes e Referências

**A Voz de Chapecó: artigos de Antonio Selistre de Campos – 1939 a 1952**. Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (Org.). Chapecó: Argos, 2004.

ARRUDA, Mara Paulina Wolff. **Antonio Selistre de Campos. “O Guardador da Cidade”**. Monografia apresentada ao Curso de Pós-graduação em História: Cidade, Cultura e Poder na Universidade Comunitária Regional de Chapecó, UNOCHAPECÓ, como requisito para obtenção do diploma de especialista em História, 2002.

CAMPOS, Raul José de. **Dados Biográficos do Dr. Antônio Selistre de Campos**. Porto Alegre, novembro de 1977.

Jornal **A Voz de Chapecó**. Edição nº. 206 de 24/10/1948.

Jornal **A Voz de Chapecó**. Edição nº. 207 de 31/10/1948.

Jornal **A Voz de Chapecó**. Edição nº. 211 de 28/11/1948.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

NASCIMENTO, E.S. do. **Há vida na história dos outros**. Chapecó: Argos, 2001.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. A Trajetória da implantação do ensino diferenciado: o caso Kaingáng do Xapecozinho. **VII Encontro Estadual de História - ANPUH. História: experiências e desafios**. Florianópolis, 28 a 31 de agosto de 2000. Não publicado.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe **Nosso vizinho Kaingáng**. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe (Org.). **O ciclo de vida Kaingáng**. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2004.

PORRO, Antonio. **O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

TOMASINO, Kimiye, MOTA, Lúcio Tadeu e NOELLI, Francisco Silva (Orgs). **Novas contribuições aos estudos Interdisciplinares dos Kaingáng**. Londrina: Eduel, 2004.

## Abstract

This article was presented in a workshop format during the CEOM week: *Twenty years of Memories and History in the west of Santa Catarina*, from October 23 to 27, 2006, Chapecó – SC. The theme chosen for the event was part of the Masters' Research in History: *The representativity of Antonio Selistre de Campos' journalistic articles in the history of the Kaingáng in the west of Santa Catarina 1939-1952*, with the proposal of working on the written source, oral history, and memory from an ethno-history perspective. The objective of the workshop was to involve participants in practical understanding of the conciliation between the written source, oral history, and memory.

**Keywords:** Kaingáng; Antonio Selistre de Campos; CEOM, newspapers; oral history; memory; ethno-history.